

Apertar o cinto?

*Economie
Brasil*

Humberto Quadrros*

14 MAI 1983

É absolutamente impossível ao país assistir, em clima de imobilismo oficial, a consumação de um fato que as mentes lúcidas e descomprometidas já estão há muito antecipando como inevitável: a total impraticabilidade do cumprimento das exigências do FMI admitidas pelas autoridades monetárias no acordo firmado com aquele organismo, como condição para o empréstimo trienal de US\$ 4,5 bilhões.

Já não se trata mais de alinhar as vozes de personalidades do mundo técnico ou empresarial, sem falar na área política, que está a proclamar, a todo instante, a inviabilidade financeira, cambial, social e política de atendimento pelo Brasil daquelas exigências. Agora, são manifestações altamente insuspeitas de especialistas internacionais e até de importantes órgãos da imprensa mundial que chegam à mesma conclusão. E não o fazem como um exercício de raciocínio perverso ou inámissimo para com o Brasil. Ao contrário, partem da tese de que o nosso país não merece o tratamento que está recebendo e, mais do que isso, deve ser preservado de eventuais tumultos institucionais internos como decorrência da manutenção do esquema de arrocho que lhe foi imposto como condição para rolar sua dívida externa.

Ora, dirão os poucos que ainda defendem a continuação do esquema montado pelo FMI, afinal o Brasil não está conseguindo acumular os saldos positivos na balança comercial, rumo aos US\$ 6 bilhões? Para que, então, tentar outra alternativa?

O problema não é o superávit comercial, que este pode até ser alcançado. O ponto crítico de toda essa armação é o custo que o país está pagando pela recessão que já lança no desemprego milhões de pessoas, dentro de uma organização social que jamais se previu contra situações desse tipo. Por isso é que o problema da dívida de nações como o Brasil não é para ser resolvido no limite dos credores privados ou mesmo no do FMI. É questão para ser debatida e resolvida no nível dos governos dos países onde se localizam os principais bancos, ou seja, o fórum é o das lideranças, mais importantes do mundo capitalista, a contar, evidentemente, dos Estados Unidos.

A estabilidade social e política brasileira é séria demais para ser comprometida por um problema conjuntural que afeta a todos os países do mundo. Infelizmente, esse enfoque tem sido menosprezado pelo governo nos seus entendimentos com banqueiros privados e técnicos habitualmente insensíveis do FMI. Para estes últimos, a receita é extremamente simples e sumária: apertar os cintos. Isto é, há muita gordura nos países endividados que ainda pode ser cortada.

No caso brasileiro, como se viu recentemente pelos dados levantados na pesquisa do IBGE, nada menos de 40 milhões de pessoas — um terço de nossa população — está na miséria absoluta, não faz parte do mercado, não são produtores nem consumidores de bens, está inteiramente à margem do processo econômico. Vamos dizer, inicialmente, para esse contingente de miseráveis que eles devem “apertar o cinto”, diminuir mais seu padrão de vida. E, em seguida, aos outros dois terços — que constituem o Brasil economicamente ativo — também devemos dizer que seu nível salarial é demasiado, que seu padrão de consumo é excessivo, que precisam, enfim, “baixar” à realidade de um país virtualmente insolvente.

Será que através das vidraças de Brasília não se vislumbra o vulcão sobre o qual estamos todos vivendo? Serão necessárias novas e mais violentas explosões de desempregados (ma nípaludos ou não por agitadores e pescadores de águas turvas) para que se chegue, afinal, à elementar conclusão de que o mais importante problema do Brasil não é o da dívida externa mas o do desemprego, filho direto das recessões?

Vamos tentar renegociar os compromissos no exterior — não se fala na maldita palavra moratória — para dar ao país o oxigênio que ele vitalmente carece para reanimar sua economia, reabsorver seus desempregados, acolher novos contingentes de mão-de-obra, criar excedentes competitivos para exportação e, assim, ter com que começar a enfrentar o problema do serviço da dívida e esta propriamente dita. O resto é simplesmente lucra que nos poderá custar um preço inimaginável.